

## Corpos, fronteiras, gênero e sexualidade

José Miguel Nieto Olivar  
Doutor em Antropologia Social e Professor na Universidade de São Paulo  
[escreve.ze@gmail.com](mailto:escreve.ze@gmail.com)

Guilherme R. Passamani  
Doutor em Ciências Sociais e Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
[grpPASSAMANI@gmail.com](mailto:grpPASSAMANI@gmail.com)

O dossiê “Corpos, fronteiras, gênero e sexualidade” começou a ser gestado no 13º Congresso Mundos de Mulheres – um encontro internacional e interdisciplinar de e sobre mulheres – que ocorreu concomitante ao Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, entre 30 de julho e 4 de agosto de 2017, na cidade de Florianópolis, junto à Universidade Federal de Santa Catarina. O referido congresso organizou uma série de reflexões e debates em torno da temática geral “Transformações, Conexões, Deslocamentos”. O objetivo era potencializar o diálogo sobre as questões de gênero para além da polarização hierarquizada entre Norte-Sul. No campus da Trindade, ouvimos vozes de todos os timbres, circularam saberes múltiplos, bem como a produção de conhecimento e o ativismo caminharam lado-a-lado.

Fazendo eco à temática geral do evento, propusemos o Simpósio Temático “Fronteiras, gênero e sexualidade: conexões, deslocamentos e alteridades corporais, espaciais, temporais”. Nele, conseguimos colocar em diálogo pesquisas realizadas a partir de contextos espaciais, temporais ou corporais de marcada alteridade com relação aos grandes centros urbanos e suas narrativas majoritárias, ou que remetam a problematizações, conexões ou transformações a cerca destes. Fronteira, gênero e sexualidade, a partir dessa expectativa, funcionam como categorias de articulação para pensar as experiências de sujeitos e grupos sociais variados a partir da intersecção com outros marcadores sociais da diferença, particularmente com: etnia, região/procedência, geração, classe, escolarização, orientação sexual, religião, raça/cor, entre outros.

Para tanto, ao pensar fronteira, gênero e sexualidade, estamos atentos a questões como trânsitos, deslocamentos, circulação e fluxos migratórios, bem como a processos de (des/re)territorialização, fronteirização e corporificação. Tentamos, pois, uma conexão de fluxos materiais e imaginativos, empíricos e analíticos, entre processos de produção de corpos e de territórios. Em vista disso, no Simpósio Temático e aqui no Dossiê, reunimos investigadoras/es preocupada/os com a construção social do desejo em/por “outros geográficos” (Guedes, 2017), “entre-cidades” (Nascimento, 2018) e cidades de diferentes escalas, priorizando, aqueles que estão atravessados pela temática de fronteira em sua constituição. Além disso, estamos pensando as tensões que emergem dos temas propostos (corpos, fronteira, gênero e sexualidade) entre as dimensões de urbano e rural, centro e margem, branco e índio, entre outras oposições heurísticas, e toda a miríade de práticas, relações, transações, estratégias e sujeitos que delas emergem complexificando e borrando as normas sociais hegemônicas nessa seara.

Esse Dossiê, ainda, é resultado de um processo de articulações entre diversos pesquisadores, pesquisadoras e centros de pesquisa que, a partir do projeto “Gênero em territórios de fronteira e transfronteiriços na Amazônia brasileira” (Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp e Fapesp) vem se encontrando desde 2015 para discutir articulações possíveis entre Gênero e Fronteiras. Uma parte destes encontros girou entorno da sexualidade, dos afetos e dos desejos como uma chave de acesso para compreender as formas em que territórios entendidos como fronteiras são produzidos em termos de, e produzem, gênero, e como relações de gênero são produzidas nestes espaços.

As fronteiras, todas elas, são que, de alguma forma, cruzam os nossos interesses de pesquisa. Nesse sentido, fazer um “estado da arte” das pesquisas e abordagens sobre *fronteiras* resulta hoje num enorme e não necessariamente rentável esforço, não apenas pela grande quantidade de trabalhos sendo produzidos em diversas disciplinas e desde diversos países, mas pela ampla polissemia que *fronteira* tem ganhado nas ciências sociais (Hannerz, 1997; Donnan & Willson, 1999; Albuquerque, 2012; Iossifova, 2013; Cardin e Colognese, 2014; Albuquerque e Olivar, 2015; Cardin e Albuquerque, 2018). Cardin e Albuquerque (2018) realizaram recentemente um completo e detalhado estado da arte da produção sócio-antropológica brasileira sobre *fronteiras*, e no marco do projeto *Gênero em territórios de fronteira....* Luiza Terassi (2016), Mario Carneiro (2017) e Tuanny Victor (2017) realizaram um levantamento cuidadoso da recente produção sócio-antropológica brasileira na articulação entre fronteiras, Amazônia e gênero. Desse conjunto de leituras, é possível extrair algumas características sobre as associações mais recorrentes e predominantes da *fronteira*.

Nessa paisagem, vemos uma prevalência do Estado-nação, ora como categoria explicativa fundamental na conceitualização da fronteira, ora como objeto de análise. Seja na relação com outros estados nacionais, com outras identidades nacionais, ou seja como marcador de avance dos projetos étnico-socio-econômico-estatais dentro do próprio território, o Estado-Nação aparece como referente sólido e âncora privilegiada nos estudos de fronteiras. Além da luz sobre, e desde, o Estado-nação, vemos outras três formas interligadas que ganham destaque no quadro. Primeiro, uma indagação pelas identidades e “culturas” em contato e pela natureza regulatória, porosa, contrastiva da fronteira (Cardoso de Oliveira (1972), Lopez (2000), Albuquerque (2010), – bem como os trabalhos de Zárate (2008) e Aponte (2011), para Colômbia, e Grimson (2003) para Argentina). Segundo, ao redor da ideia da fronteira como referente de migração, de mobilidades, trânsitos e circuitos inter e transnacionais de pessoas, bens, dinheiros e ideias (Piscitelli (2007), Silva (2010), Cardin (2012), Rodrigues e Pereira (2012), Togni (2014), Dias (2015), entre outros). E um terceiro eixo, próximo da imaginação da fronteira como margem territorial do Estado-lei, focado no sistema crime-segurança / ilegalidades-políticas públicas (Torres e Oliveira (2012), Paiva (2016), entre outros). Por outro lado, há na paisagem uma outra *fronteira*, mais telúrica, que diz respeito à produção das fronteiras “internas”, dos frentes de expansão, em relação como ideias sobre poder, violência estatal, colonização e economia (Velho (2009[1979]), Martins (1997), Faulhaber (2001), Nobrega (2016), entre outros). Dentro de cada um dessas formas de se relacionar criativamente com a *fronteira*, é claro, há diversas abordagens e disputas, não se trata de uma paisagem homogênea.

Há, em nosso dossiê, a partir do que expusemos acima, um olhar sobre as fronteiras desde uma perspectiva fortemente antropológica, etnográfica e de gênero. Nosso desejo é avançar na produção de imagens outras da fronteira. Não no sentido de negar, mas no sentido de multiplicar as formas sociais da *fronteira*, de estilhaçar em corpos e afetos o Estado e a Nação, e de oferecer insumos para o processo de construção da fronteira – seus corpos, territórios, socialidades – como um objeto possível da antropologia brasileira contemporânea. Isto é, nos interessa abrir espaço para a proliferação de fronteiras diversas e contraditórias no marco de uma categoria muitas vezes usada – teórica e politicamente – como ontologicamente marcada, como determinante, mais ou menos estável e homogênea, de realidades sociais e econômicas.

Nos interessa prestar especial atenção à fratura e proliferação de, digamos, “processos de fronteirização”, tanto no plano das fronteiras de expansão do capital, quanto no plano das fronteiras internacionais, quanto no plano dos processos internos

de gestão de fronteiras, de territórios demarcados, de segregações urbanas, etc.. E, muito especialmente, nos interessa nesse dossiê, a possibilidade de avançar em algo que, de formas diferentes, os projetos de Glória Anzaldúa (2012) e de Néstor Perlongher (1987), nos deixaram de muito valioso: a compreensão das territorialidades e das fronteiras na sua carnalidade, nas suas dimensões de tensões libidinais, nas suas dimensões generificadas, racializadas, etnicizadas.

Assim, chegamos à composição desse Dossiê, ainda um primeiro passo no caminho que buscamos continuar percorrendo. A chave de acesso disciplinar, como já dizemos, é a antropologia. Pontualmente, na capacidade que a antropologia tem de responder parcialmente a uma preocupação recente do campo dos Estudos de Fronteiras: a necessidade de produzir conhecimento *desde* as fronteiras (Staudt, 2017). Esta preocupação, como expressada por Staudt, diz respeito tanto às abordagens disciplinares (classicamente preocupadas com análises macro) quanto a localização de origem de pesquisas, pesquisadores e centros de pesquisa. Com relação ao primeiro aspecto, a etnografia possibilita à antropologia a produção de um conhecimento que emerge a partir da relação localizada, muitas vezes enraizada e sempre em processos de mutua afetação com as pessoas e os lugares que participam da pesquisa. Por outro lado, a antropologia abre a possibilidade do interesse mais atento pela diferença e pelas singularidades, pelos processos intensivos de diferenciação e de construção de relações e alianças laterais aos poderes estatais e às formas hegemônicas da *cultura* (nacional, especialmente). Nesse sentido, seria possível pensar que o conhecimento sobre *fronteiras* emergido de abordagens antropológicas e etnográficas possibilite a construção de um conhecimento inteiramente novo ao interior dos Estudos de Fronteiras.

Com relação ao segundo aspecto, esse dossiê apresenta a potência de deslocamentos em curso: pesquisas realizadas desde universidades localizadas em áreas de fronteira e por pesquisadores que são originários ou que habitam estes territórios. Contudo, é necessário dizer que se trata ainda de uma dívida.

Os artigos a seguir apresentam resultados de pesquisas concluídas ou em curso, individuais ou coletivas, que de formas diferentes respondem às questões acima assinaladas.

O artigo “Identidades em processo: se fazer prostituta e indígena em um jogo relacional e contextual”, de Lívia Freire da Silva, encontra-se no campo de algumas questões emergentes na antropologia no Brasil: o espaço de conexão entre estudos com populações indígenas, estudos de gênero e sexualidade e estudos de dinâmicas de mobilidade e circulação territorial. No caso particular, o cruzamento acontece através dos

corpos e territorialidades de mulheres indígenas que participam de mercados sexuais. Nesse sentido, aqui a fronteira está diretamente relacionada tanto à dinâmica social e política de gestão de determinados territórios, quanto aos processos de diferenciação étnica e aos processos de ajustes e limites morais de práticas sexuais e de possibilidades de gênero.

A delimitação territorial é clara e obedece a um específico processo de fronteirização interna: a demarcação de terras indígenas, a legislação indigenista e as lutas e tensões políticas destas populações pelo reconhecimento pleno e diferenciado dos seus direitos. Esse sistema de conjunções fronteiriças em que territórios, etnias, práticas econômicas e moralidades se combinam, é atualizado num gesto etnografado por Freire. A prática que conjuga o dever de sair do território e a manutenção do segredo como possibilidade das mulheres indígenas participarem da prostituição. Por “orientação” do grupo, a prostituição das mulheres indígenas deve ficar do lado de *fora*. Surpreendentemente, essa política tem seu reverso quando Freire nos ensina como, para outras mulheres forasteiras (e por tanto para o usufruto dos homens locais), a prostituição *dentro* do território se faz possível sempre sob uma estrita normativa administrada pelos poderes comunitários.

A fronteira da terra demarcada, a fronteira étnica é, então, também generificada. Mas há ainda nesse artigo uma última e preciosa torção destes sistemas morais e territoriais de produção étnica. Em diálogo com toda uma literatura nacional e internacional sobre economias sexuais e processos de racialização e etnicização, as mulheres com quem Freire trabalhou experimentam também, e praticam, a valorização erótica/econômica da condição étnica, atestada pelo documento oficial de registro indígena, no marco do comercio sexual *fora* da terra indígena.

Seguindo pelo caminho da prostituição, o artigo aqui apresentado de André Rocha Rodrigues, “Tudo é Rua: apropriações, espaços e corpos no mercado do sexo em São Carlos/SP”, marca uma importante torção proposta nesse desse dossiê. Seguindo parcialmente uma reflexão de Sassen (2013), abrimos o espaço dos estudos de fronteiras para dentro da cidade, inclusive de cidades distantes de territórios de fronteira internacional. A reflexão antropológica sobre ‘fronteira’ se abre para outras territorialidades que não apenas aquelas dos movimentos transnacionais, mas se abre também para dentro. A cidade e suas fronteiras internas, seus processos territorializados de diferenciação. Então emerge um quadro de diálogo no qual as fronteiras do Estado-Nação, historicamente auto-evidentes nas linhas limítrofes dos países, entram em um diálogo tenso e criativo com os processos difusos ou sistemáticos de segmentação territorial, de produção de limites de diferenciação e de micro-territorialidades. É nesse sentido que a proposta de Rodrigues

ganha relevância aqui.

Preocupado em compreender a configuração territorial da prostituição *de rua* em São Carlos (SP), o autor vai desvendando etnograficamente todo um (outro) processo de gestão de fronteiras, identidades, limites, corpos e territorialidades. O ponto de partida é, justamente, a noção de *Rua*, e a partir dela, uma série de segmentações micropolíticas que não dizem respeito (mesmo que estejam relacionadas) a ações governamentais do Estado ou à atualização da nação. Percorrendo com lucidez comparativa uma bibliografia sobre *rua* que vai de Damatta (1991) a Magnani (1998) e Perlongher (1987), o autor oferece uma perspectiva interessante para ler estas dinâmicas de fronteirização: antes que identidades opostas em jogo (como no caso de dois estados-nação, duas etnias em confronto ou a díade casa-rua), há uma sempre contingente performatização de posições e possibilidades morais, uma fluidez semântica do território (seguindo a Perlongher). Dessa forma, seguindo uma ideia que atravessa os artigos que compõem esse dossiê, se estabelece um vínculo empírico e analítico entre o corpo, o desejo e o território (na mediação estilística do gênero), como *locus* de gestão e contestação de fronteiras: ruas de “*frente*”, “*atrás*”, “*dentro*”, “*baixo*”, “*fundo*”, sugerem também estilos corporais e ajudam a definir posições territoriais, sexuais, econômicas e de gênero na complexa trama organizativa de diferenças no mercado do sexo.

Ainda mais, a fronteira de Rodrigues está permeada pela prostituição urbana, de ruas e regiões centrais da cidade. Rodrigues, seguindo uma extensa literatura brasileira sobre prostituição, mostra como a casa e a rua da prostituição atualizam, mas também contra-efetua, a esquematização oposicional de Damatta entre Casa e Rua. Acontece que, como vemos também no trabalho de Livia Freire, na prostituição os sistemas fronteiriços ganham outro código, outras chaves de acesso e tradução. A casa se desdobra minimamente em duas: a casa da família, da habitação, a casa mais moral, e a casa do trabalho, do comércio, das alianças laterais (que, como sabemos, não excluem a família). Nesse desdobrar, há uma casa na rua, há uma casa atravessada intensamente pelos códigos-territórios da rua, pelos seus tensores-libidinais e suas lógicas de transfronteirização. Mas há também a rua, que se torna profundamente familiar, doméstica, afetiva, íntima e moral.

Nesse plano dos afetos, dos desejos, das diferenças corporais e suas marcas de territorialidade, encontramos o artigo de Silvana Nascimento. Porém, a partir de agora, o dossiê adentra no território das fronteiras internacionais brasileiras. Em “Fugas e contrapontos na fronteira: reflexões etnográficas sobre transitividades corporais e de gênero no Alto Solimões/AM”, Nascimento apresenta resultados de uma pesquisa antropológica sobre/na tríplice fronteira urbana entre Brasil, Peru e Colômbia a partir

das experiências de pessoas gays e trans\* vinculadas ao circuito dos salões de beleza e peluquerías.

Esse artigo nos obriga a um movimento em que a noção de fronteira se faz central e, ao mesmo tempo, colide consigo mesma nas suas mais banais capacidades explicativas: corpos e experiências trans (em termos de gênero e sexualidade) através de uma intensa e urbana tríplice fronteira amazônica. O “multiverso” evocado pela palavra trans, seguindo a autora, excita nos leitores a onipresença das dinâmicas e dos movimentos fronteiriços: na polifônica construção da diferença, tudo é fronteira. Tudo é alteridade, tudo é ponte, tudo é hibridação, tudo é controle de trânsitos e aproveitamento de diferenciais fronteiriços.

Por outro lado, aquela tradicional fronteira do Estado e da Nação, nada explica, como vemos. O mergulho etnográfico através de corpos e rituais de beleza e fabricação corporal dessas chicas trans de nacionalidades e etnicidades também trans, também forjadas performativamente e também entretecidas genealogicamente, oferece para esse dossiê um espaço precioso de reflexão sobre conceitos, disciplinas e métodos nos estudos fronteiriços. Nesse artigo “a fronteira” emerge como um lugar de materialidade própria, territorialidade de riqueza conceitual, estilístico-generificada (cosmopolítica, então) e cultural que nada diz respeito à matemática de duas identidades em relação (por mais dinâmica e processual que seja).

Em diálogo estreito com Nascimento, encontramos o artigo de José Miguel Nieto Olivar, intitulado “Gênero, cuidado e a reconfiguração da fronteira... fronteiras, *fronteiras!*”. Olivar apresenta um pouco dos resultados de uma pesquisa de caráter etnográfico levada a cabo em Tabatinga (AM), uma cidade transfronteiriça entre Brasil, Peru e Colômbia. É ali, naquele Brasil que acaba, que começa e que transita entre Peru e Colômbia, que Olivar propõe uma reflexão sobre *fronteiras* a partir de um diálogo profícuo das Ciências Sociais – a Antropologia em especial – com outras áreas. A análise da fronteira empreendida pelo autor conversa com os conceitos de cuidado, gênero, sexualidade, corpo e afetos, por meio das narrativas, tecidas fio a fio, por Flor, Cauã, Reyes, Cecilia e tantas outras personas que dão carne, osso e as mais contraditórias sensações ao correr dos dias na tríplice fronteira encravada em Tabatinga.

É assim, transitando entre os sujeitos transfronteiriços, que Olivar apresenta a fronteira como um território “em fazendo”. Ela aparece como um lugar dos múltiplos, das performances, das relações, dos corpos em movimento. Fronteira que transforma sujeitos e constitui afetos. As vidas que constituem a narrativa de Olivar são compostas por variadas relações relações, corpos, experiências, trajetórias e diferenciações a enunciar a todos nós como é potente olhar antropologicamente para a fronteira. Fronteira, então, não está

dada *a priori*, fronteira é produzida a partir da circulação de afetos, da rede de cuidado, das performances de gênero, das sexualidades disparatadas daqueles sujeitos que fazem com que um antropólogo também fique impregnado por um imaginário transfronteiriço. O artigo de José Miguel Olivar é potente ao promover uma análise de um lugar específico, “o cu do mundo”, de forma a articulá-lo, por meio das ferramentas seja da etnografia, seja do olhar antropológico, a outros contextos e a relações. As vidas que aparecem no texto, tão sedutor, de Olivar nos transportam para Tabatinga, ao mesmo tempo, quem enxergamos os sujeitos transfronteiriços da pesquisa pelas esquinas das nossas cidades. Eis uma das faces da potência da etnografia.

Álvaro Banducci, Guilherme Passamani e Tiago Duque no artigo “*Fora chollos: gênero, sexualidade, alteridade e diferenças na fronteira Brasil-Bolívia*”, incluído nesse dossiê, apresentam um valioso diálogo das suas trajetórias e interesses de pesquisa em/por e sobre territórios fronteiriços entre o Brasil e a Bolívia. Os três autores discutem a múltipla produção de diferenças e desigualdades atravessadas pela fronteira internacional entre estes dois países. Na trilha de pensar intersecções e articulações entre eixos de diferenciação, o artigo aqui publicado demonstra a importância de pensar tais processos em marcos territoriais específicos, como as fronteiras internacionais.

Nesse sentido, aqui emerge um jogo de alteridades e relações que multiplica as fronteiras na busca por beleza, por afetos e por encontros sexuais, que atravessa etnia, geração, gênero, nação e sexualidade. A cena de uma Colla drag negra em transas de carnaval, as marcações étnico-raciais, nacionais e geracionais de “efeminados” no mercado do sexo, e as memórias de homossexuais sobre encontros de juventude com marinheiros brasileiros, são materialidades muito valiosas que esse artigo oferece para pensarmos a complexa trama de práticas de fronteirização e de apropriação local, multiforme, dos códigos fronteiriços.

Assim, os autores propõem um diálogo interessante entre as provocações estético-políticas de Anzaldúa e os controles dialéticos da sociologia (no caso, do Pablo Vila). Nesse artigo, a fronteira histórica, a fronteira das alteridades abismais e das desigualdades mais profundas, é operacionalizada cotidianamente por afetos que circundam o racismo: evidencia-se no mercado sexual local a exaltação (brasileira) da nacionalidade brasileira, associada ao não indígena, e à juventude. Muito mais que a literalidade dos controles policiais ou, inclusive, antes que o simbolismo da nação, a restrição de relações, a gestão dos vínculos e dos circuitos e o controle das mobilidades e transações, parecem ser englobados por afetos de outra ordem, profundamente interessados na assimetria e na construção/manutenção de hierarquias raciais, de gênero e de posição socioeconômica. É



nesse sentido que ganha maior sentido a figura dos marinheiros provenientes do Rio de Janeiro: estas fronteiras brasileiras, prenhes de tensores libidinais, são ao mesmo tempo as fronteiras internacionais e as frentes de expansão em que desejo e alteridade circulam de cima para baixo, de lado a lado e em modulações sinuosas, como gramáticas coloniais que vemos atualizar-se.

Esse dossiê encerra com o artigo “Mover-se nas fronteiras: percursos, políticas e saberes transfronteiriços”, de autoria de Flávia Melo da Cunha. Através de uma delicada construção narrativa, cheia de memórias, de afetos, de implicações corporais e de ricas reflexões teóricas, Melo da Cunha produz uma “biografia generificada das fronteiras vividas, rememoradas e transformadas”. A autora se propõe um diálogo especial com Glória Anzaldúa através da evocação da ideia da antropóloga *mestiza* cuja biografia e genealogia materializa uma experiência particular, profundamente histórica, da tríplice fronteira entre o Brasil, o Peru e a Colômbia. Nessa biografia afetiva da fronteira, o gênero ocupa um lugar especial. Primeiro, gênero permite a identificação da versão familiar do processo histórico de fronteirização amazônica (ocupação militar, soldados da borracha, migrações provenientes do nordeste brasileiro e outras do Peru) como uma relação de masculinidades em jogo; segundo, gênero possibilita olhar essa fronteira-biografia através das mulheres da família identificando nelas muito mais que sujeitos homogêneos o apagados, mais que vítimas indígenas da colonização sexual, e mais que agentes passivos da reprodução nacional. Terceiro -uma das chaves da proposta da autora-, gênero, em articulação formativa com produção de etnicidade e de *classe*, e na perspectiva inacabada da trajetória de vida, possibilita que enxerguemos esse processo histórico-biográfico de produção fronteiriça através do exercício reflexivo de recontar o próprio retorno da autora à fronteira como professora e pesquisadora da Universidade Federal. Nesse movimento, a expansão universitária brasileira e a afirmação do estado civil e de direitos (em Tabatinga) durante a primeira década de 2000, e a pauta política das mulheres (particularmente o enfrentamento da violência), interagem ativamente como formas de governamentalidade fronteiriça. Retorno físico, reconfiguração narrativa, reflexividade antropológica. Por fim, é nesse marco de duplicações sucessivas (para usar a imagem que Foucault dirige às ciências humanas (2000[1966])), que a autora e a fronteira emergem em associação formativa, inacabada, como efeitos intensos de redes amplas de relações familiares, comerciais, políticas, afetivas, de ensino, de militância, de governamentalidade.

Por fim, acreditamos que a potência desse Dossiê é ser uma espécie de instalação coletiva em plena construção. Muitos desdobramentos estão em aberto; porém, acreditamos que no conjunto de trabalhos aqui reunidos há já importantes aportes vindos

desde a antropologia e os estudos de gênero e sexualidade, para os Estudos de Fronteiras, ou para o crescimento de uma parcela de pesquisas antropológicas sobre, em e desde fronteiras territoriais. Cabe destacar: o descentramento, fragmentação, carnalização, generificação e subordinação do Estado e da Nação; as relações constitutivas entre corpos e territórios, como materializações de outras relações; a fronteira como um tensor libidinal densamente político e histórico, e como um agenciamento de gênero; a fronteira como um centro de redes ou sistemas de socialidade cuja existência e análise não é efeito da primacia na nação, do estado, da cultura e da territorialização; a fronteira como um centro de produção de conhecimento e como um território habitado (e não apenas de passagem); as conexões empíricas e analíticas diversas entre fronteiras nacionais, frentes internas de expansão, fronteiras étnicas e processos urbanos de reorganização do território, que permitem suspender temporariamente, metodologicamente, a globalidade e o transnacionalismo como marcos de sentido.

Esperamos então, que a leitura dos artigos, aqui reunidos, possa servir de inspiração (crítica, sem dúvida) para pesquisadores e pesquisadoras, professores, professoras e estudantes, nas suas abordagens disso que, com maior ou menor abrangência, chamamos de *fronteira*.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Lindomar. 2010. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume.
- \_\_\_\_\_. 2012. "Limites e paradoxos da cidadania no território fronteiriço". *Geopolítica(s): revista de estudios sobre espacio y poder*. v. 3: pp. 185-205.
- ALBUQUERQUE, JL; OLIVAR, JM. 2015. "Apresentação. Dossiê Fronteiras: territórios, políticas, diferenças e desigualdades". *Revista Ambivalências*.; v.3, n.5, jan-jun: pp. 03-27.
- ANZALDUA, Gloria. 2012. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. 4th edition. San Francisco: Aunt Lute Books.
- APONTE-MOTA, Jorge. 2011. *Leticia y Tabatinga: transformación de un espacio urbano en la Amazonia*. Tese de Mestrado em Estudos Amazônicos. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.
- CARDIN, Eric. 2012. "Trabalho e práticas de contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai". *Geopolítica(s)*, vol. 3, núm. 2, pp. 207-234.
- CARDIN, E; COLOGNESE, S (orgs.). 2014. *As Ciências Sociais nas fronteiras. Teorias e metodologias de pesquisa*. Cascavel: JB.
- CARDIN, E; ALBUQUERQUE, L. 2018. "Fronteiras e Deslocamentos". *Revista Brasileira de Sociologia* (6) 12, pp. 114-131.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1972. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

CARNEIRO, Mario. 2017. *Relatório de Pesquisa: 'A questão do território fronteiriço e suas articulações com gênero nas ciências sociais brasileiras: conceitos, usos, tradições, lugares'*. Iniciação Científica em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp.

DAMATTA, Roberto. 1991. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.

DIAS, Gustavo. 2015. "Tactics of Border Crossing Movement: Exploring the mobility of Brazilians through the Schengen and UK airspace". *Revista Ambivalências*. v.3 n.5 jan-jun: 216-247.

DONNAN, H; WILSON, T. 1999. *Borders: frontiers of identity, Nation and State*. United Kingdom: Oxford.

FALHAUBER, Pricilla. 2001. "A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema". *BIB*, São Paulo; nº 51, setembro: 105-125.

FOUCAULT, Michel. 2000 [1966]. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

GRIMSON, Alejandro. 2003. "Los procesos de fronterización: flujos, redes e historicidad". In: García, CI (ed). *Fronteras: territorias y metáforas*. Medellín: Hombre Nuevo Editores; pp. 15-34.

GUEDES, André. 2017. "Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas". *MANA* 23(3): 403-435.

HANNERZ, U. 1997. "Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional". *Revista Mana*. vol. 3(1): 7-39.

IOSSIFOVA, Deljana. 2013. "Editorial. Searching for common ground: Urban borderlands in a world of borders and boundaries". *Cities*. vol. 34: 1-5.

LÓPEZ, Claudia. 2000. *Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: etnicidad y nacionalidad en la región de fronteras del alto Amazonas/Solimões*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Brasília: Universidade de Brasília.

MAGNANI, José Guilherme. 1998. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec.

MARTIN, José de S. 1997. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec.

NASCIMENTO, S. S. 2018. "Desire-cities: a transgender ethnography in the urban boundaries". *VIBRANT* (Florianópolis), v.15, p. 1-18.

NÓBREGA, Renata. 2016. *"Entra na Roda": história, cotidiano e mobilidades em Rondônia*. Tese de Doutorado em Sociologia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

PAIVA, Luiz Fábio. 2016. "As dinâmicas do monopólio da violência e do controle em um território transfronteiriço e amazônico". *Tempo da Ciência*, v. 23. n. 46, p. 27 - 37.

PERLONGHER, Néstor. 1987. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo:

Brasiliense.

PISCITELLI, Adriana. 2007. "Shifting Boundaries: Sex and Money in the North-East of Brazil". *Sexualities*. vol. 10: 489.

RODRIGUES, Francilene; PEREIRA, Marina (org). 2012. *Estudos transdisciplinares na Amazônia setentrional: fronteiras, migração e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Letra Capital.

SASSEN, Saskia. 2013. "When the center no longer holds: Cities as frontier zones". *Cities*, Volume 34, October, pp. 67-70

SILVA, Sidney. 2010. "Hermanos Amazônicos: processos identitários e estratégias de mobilidade entre peruanos e colombianos em Manaus". In: Silva, S (org). *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus: FAPEAM/EDUA.

STAUDT, Katlheen. 2017. *Border Politics in a Global Era: Comparative Perspectives*. Maryland: Rowman & Littlefield.

TERASSI, Luiza. 2016. *Relatório de Pesquisa: 'A questão do território fronteiriço e suas articulações com gênero nas ciências sociais brasileiras: conceitos, usos, tradições, lugares'*. Iniciação Científica em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp.

TOGNI, Paula. 2014. *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*. Tese de doutorado em antropologia. ICS; ISCTE, Programa de pós-graduação em antropologia social. Lisboa: ICS, ISCTE.

TORRES, I; OLIVEIRA, M. 2012. *Tráfico de mulheres na Amazônia*. Florianópolis: Editora Mulheres.

VELHO, Otávio. 2009. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

VICTOR, Tuanny. 2017. *Relatório de Pesquisa: 'A questão das fronteiras amazônicas e suas articulações com gênero em material político/legal, jornalístico e artístico produzido no Brasil'*. Iniciação Científica em Ciências Sociais. Campinas, Unicamp.

ZÁRATE, Carlos. 2008. *Silvícolas, siringueros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfronteriza en la amazonia de Brasil, Perú y Colombia -1880-1932*. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.